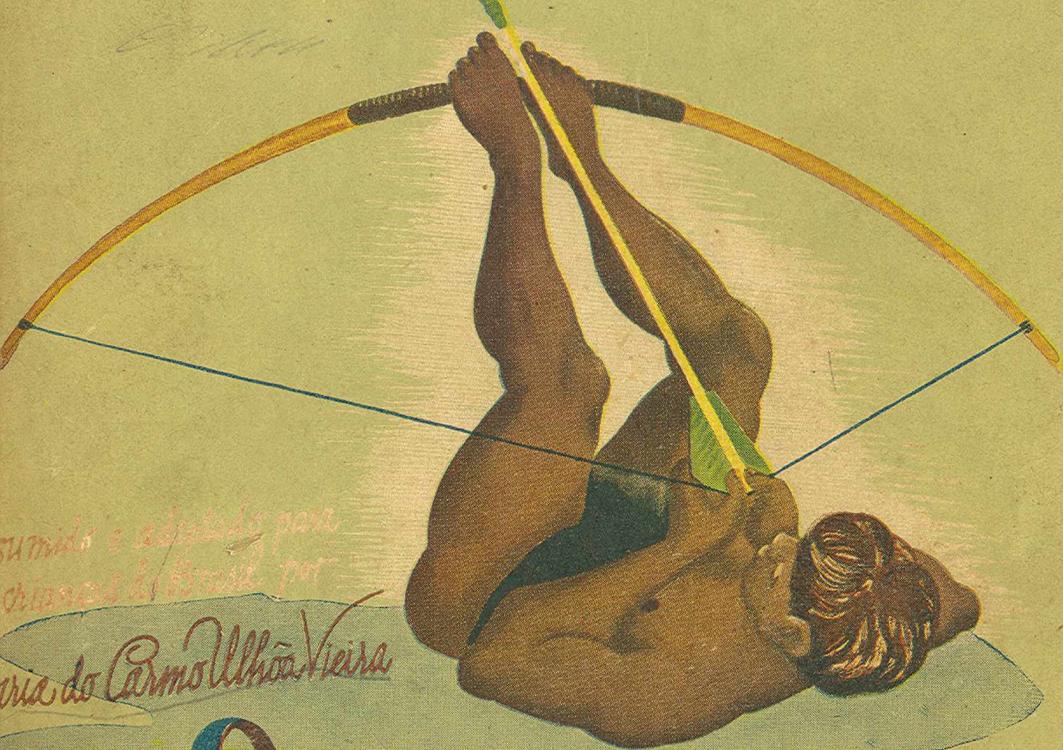


BIBLIOTECA INFANTIL "ANCHIETA"

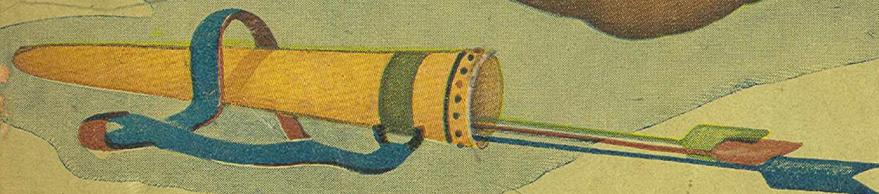
José de Alencar

# O GUARANÍ



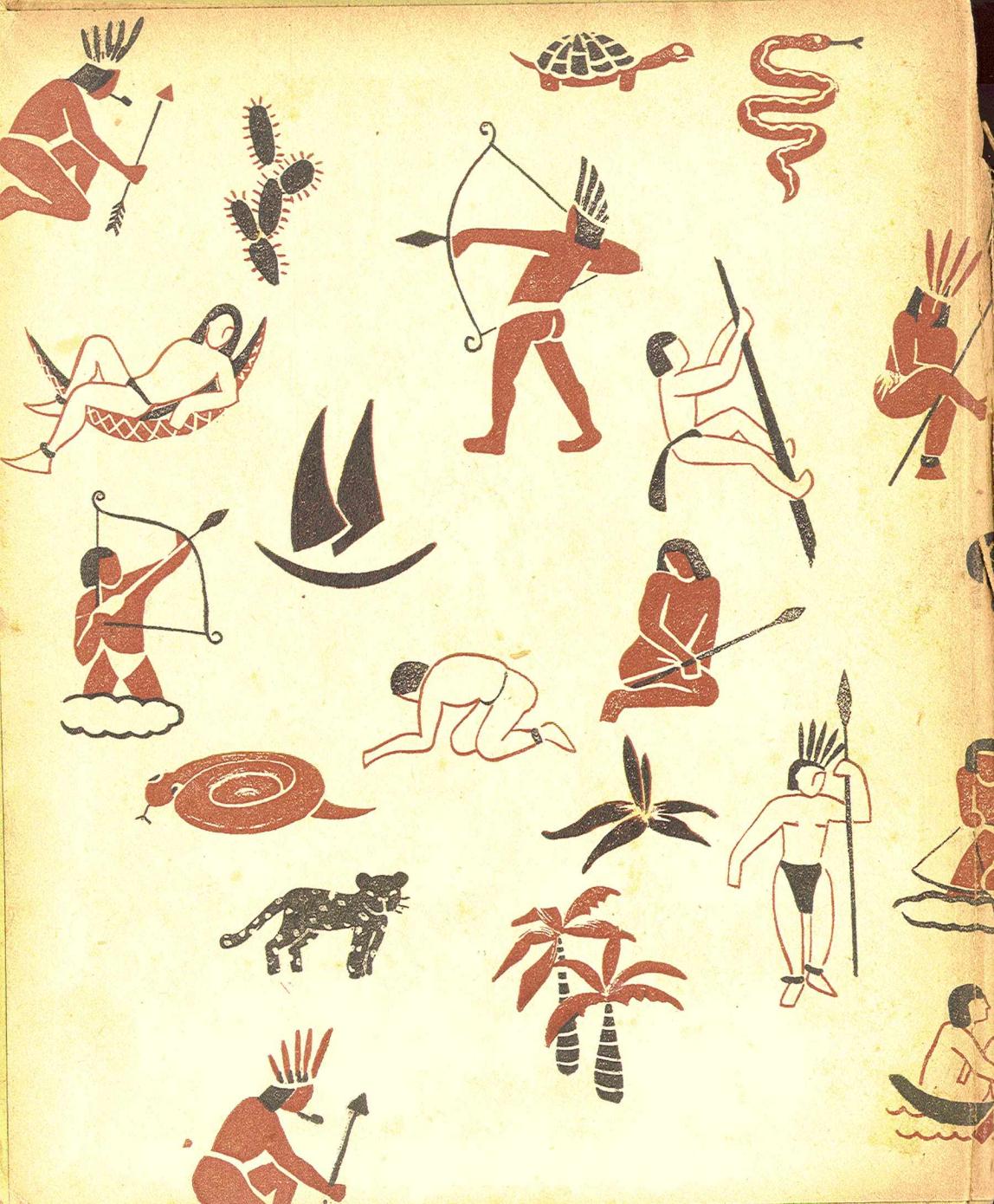
sumido e adaptado para  
crianças do Brasil por

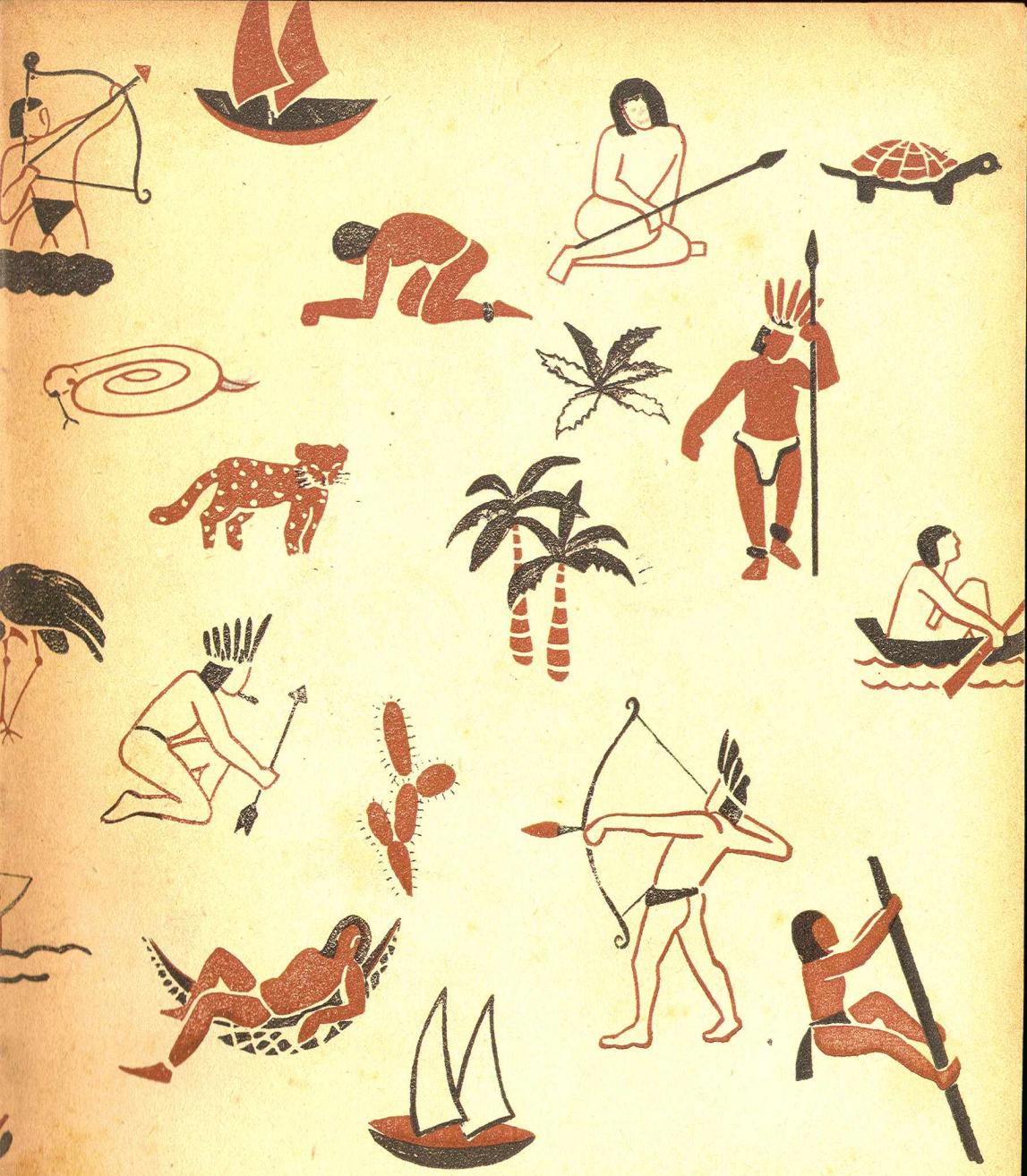
Vera do Carmo Ullhão Vieira



DORCA

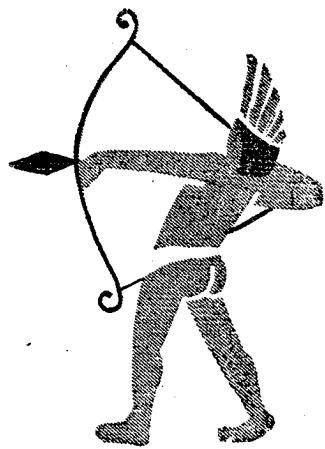
EDITORA ANCHIETA LIMITADA - SÃO PAULO







# O GUARANI.



# BIBLIOTECA INFANTIL "ANCHIETA."

## PRIMEIRA SÉRIE.

---

### VOLUMES PUBLICADOS:

1. O REI OSCAR E O PERNILONGO.  
*Adaptação de Mary Buarque.*
2. GENOVEVA - DUQUESA DE BRABANTE.  
*Conto de Schmid.*  
*Adaptação de Geraldo de Ulhoa Cintra.*
3. KUXININ - HISTÓRIA DE UM ÍNDIO CAXINAUÁ.  
*Olga Jaguaribe Ekman Simões.*
4. NO PAÍS DOS ANÕES.  
*Maria do Carmo Ulhoa Vieira.*
5. BONEQUINHA DE MASSA.  
*Adaptação de Mary Buarque.*
6. NA VILA DE SANTA ROSA.  
*Itaci da Silveira Pelegrini.*
7. NA CASA DO SONHO.  
*Sagramor de Scuvero.*
8. ROSA DE TANEMBURGO.  
*Conto de Schmid.*  
*Adaptação de Júlio Piratininga.*
9. LUNALVA.  
*Mary Buarque.*
10. EU QUERO FICAR HOMEM.  
*Sagramor de Scuvero.*
11. A LIÇÃO DA ÁRVORE.  
*Itaci da Silveira Pelegrini.*
12. O GUARANI  
*José de Alencar.*  
Resumido e adaptado para as crianças do Brasil por *Maria do Carmo Ulhoa Vieira*.
13. O PAPAGAIO DE OURO.  
*Lina Walkiria de Assunção.*
14. A FADA BRASILEIA.  
*Maria do Carmo Ulhoa Vieira.*
15. ZÉ, ZECA, ZEQUINHA.  
*Texto de Itaci da Silveira Pelegrini.*
16. O CANREIRINHO.  
*Conto de Schmid.*  
Tradução de *Geraldo de Ulhoa Cintra*.
17. INÉS.  
*Contos de Schmid.*  
Tradução de *Maria do Carmo Ulhoa Vieira*.

*Biblioteca Infantil "Anchieta."*

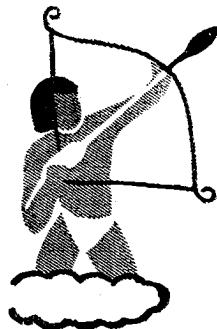
JOSE' DE ALENCAR.



# O Guarani.

*Resumido e adaptado para  
as crianças do Brasil  
por*

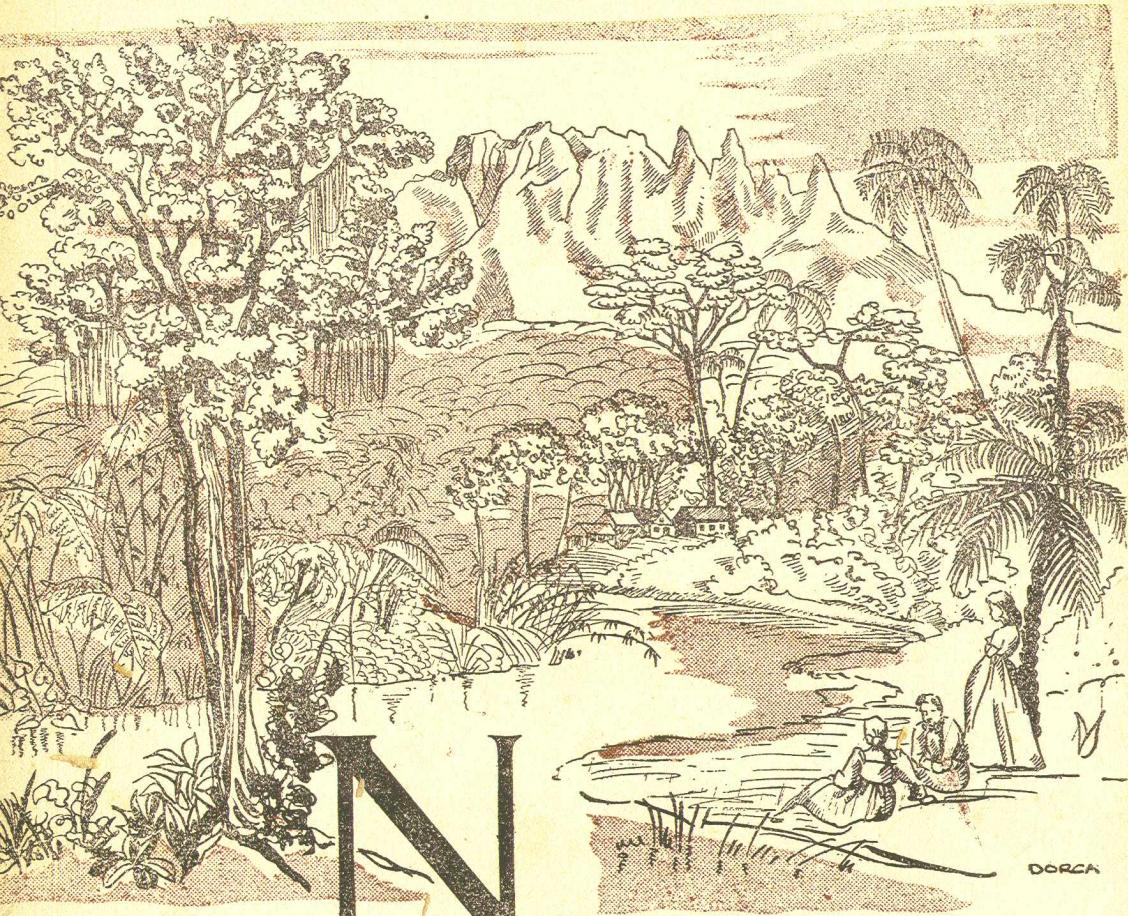
Maria do Carmo Ulhoa Vieira.



1944.

*Editora Anchieta S/A. — São Paulo*

DIREITOS EXCLUSIVOS  
DE  
TEXTO E ILUSTRACÕES  
DÀ  
EDITORARIA ANCHIETA S/A



N - UM dos cabeços da serra dos Órgãos nasce um fiozinho de água, que se vai engrossando, com os mananciais, que recebe em seu curso e se torna um volumoso rio.

DORCA

E' o Paquequer que, como uma grande serpente, corta matas virgens, campos imensos e prados verdejantes.

A quatro léguas de sua foz, a natureza favorece essas paragens e o rio é de uma beleza majestosa, entre cortinas de trepadeiras e flôres agrestes.

Nas suas águas, ora tranquilas, ora indômitas, reflete o verde escuro das florestas, o claro da verdura e o azul sereno e magnífico do céu.

Em 1604 êsse lugar era despovoado e ermo; a civilização ainda não chegara até aí, apesar de a cidade do Rio de Janeiro já ter uns quarenta anos.

Entretanto, na margem direita do rio, numa elevação do terreno, havia um solar espaçoso e protegido dé muralha.

A casa era simples e até feia, mas o interior era confortável e com um certo luxo.

Pertencia ao fidalgo português, D. Antônio de Mariz, um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro.

Auxiliou muito Mem de Sá na expulsão dos franceses e contra os ataques dos selvagens.

Em recompensa recebeu do terceiro governador geral uma sesmaria, à beira do Parquequer, com fundo para o sertão.

A família de D. Antônio se compunha de quatro pessoas: sua mulher, D. Lauriana, muito convencida da sua fidalguia; bom coração, mas um pouco egoista; seu filho D. Diogo de Mariz, ainda moço, que gastava seu tempo em correrias e caçadas; sua filha D. Cecília, de dezoito anos e que era a deusa desse pequeno mundo e D. Isabel, sua sobrinha.

No tempo colonial todos os capitães de descobertas mantinham um bando de aventureiros que, por salário, serviam nas explorações, correrias pelo interior e combate com os índios.

D. Antônio de Mariz, pela fôrça da necessidade, habitando um sertão despovoado, estava preparado para tudo e a seu serviço tinha quarenta aventureiros.

Êstes habitavam um compartimento separado da casa e obedeciam a uma disciplina rigorosa, mas justa.

Por uma bela tarde de verão, a família de D. Antônio estava reunida à beira do Paquequer, numa faixa limitada por dois outeiros pedregosos.

A relva atapetava o chão e as árvores, que se inclinavam, formavam um dossel verde, que tornava aquêle lugar pitoresco.

D. Antônio e sua mulher olhavam para o céu azul do nosso país porque, em outras terras, não há outro igual.

Isabel sonhava, com os olhos fitos nas águas tranqüilas do rio.

Só Cecília corria atrás de um colibri, perseguindo-o por entre o arvoredo.

Afinal, fatigada, foi sentar-se numa saílência ao pé do rochedo, descansando sua cabeça loira na relva.

Passados uns instantes, partiu de cima do dossel de verdura um grito estridente.

— Iara!...



Todos ergueram os olhos para o alto.

Um índio alto e musculoso sustinha, com grande esfôrço uma pedra enorme, que se deslocara e ia rolar pelo outeiro abaixo.

Seu grito era em língua guarani e significa — senhora!

D. Antônio correu para a filha, tomando-a nos braços e tirou-a do perigo.

O índio saltou para o meio do vale e a pedra, rolando do alto, foi ter ao lugar onde Cecília estivera deitada.

D. Antônio caminhou para o selvagem e estendeu-lhe a mão em sinal de amizade e gratidão.

O índio beijou-lhe as mãos.

— De que nação és? perguntou-lhe o fidalgo, em guarani.

— Goitacaz. Sou Peri, filho de Araré e primeiro de sua tribo.

D. Antônio de Mariz oferece sua amizade a Peri e este aceita-a, contando ao fidalgo que já era amigo de Ceci.

O índio confundiu-a com a imagem da Virgem Maria duma igreja, que pegara fogo durante um combate dos brancos com os índios. Tomou Cecília pela Santa e quis ser seu escravo. Contou também que sua mãe fôra salva das mãos dos aventureiros por D. Antônio e Cecília.

Peri construiu uma cabana entre duas palmeiras, na ponta do rochedo e dali podia ver a janela do quarto de sua senhora, a quem passou a chamar Ceci.

Um dia, vinha para o solar um bando de aventureiros, comandados por D. Álvaro de Sá, de volta de uma viagem ao Rio de Janeiro.

Foram a mandado de D. Antônio vender os produtos dos terrenos auríferos e trazer grande quantidade de encomendas.

D. Álvaro de Sá era um jovem de uns vinte anos, que gostava muito de Cecília, pretendendo casar-se com ela.

Entre os aventureiros, que viajavam, havia um estrangeiro de nome Loredano, de

sentimentos maus e que também gostava da moça.

Ao aproximarem os viajantes de uma clareira, ouviram um rugido espantoso, que fêz estremecer toda a floresta. Viram uma onça pronta a saltar sobre Peri, que a esperava com uma longa forquilha.

Loredano apontou o arcabuz para matá-la mas o índio protestou, dizendo que a fera era só sua.

Os viajantes continuaram a sua caminhada através das matas.

A onça saltou sobre o índio e este agilmente entalou o pescoço da fera na forquilha. Amarrou-lhe as patas dianteiras e traseiras num pau forte e embrenhou-se pela mata a dentro.

Enquanto isto se passava, Cecília e Isabel conversavam no jardim. A moça estava triste com a ausência de Peri, que tinha saído havia dois dias e não voltara.

Isabel não gostava do índio e achava que sua prima perdia o tempo em pensar num selvagem.

Nessa ocasião ouviu-se um tropel de animais e o bando de cavaleiros entrava pela cerca...

No terraço D. Antônio repreendia D. Diogo por ter morto uma índia da tribo de Aimorés.

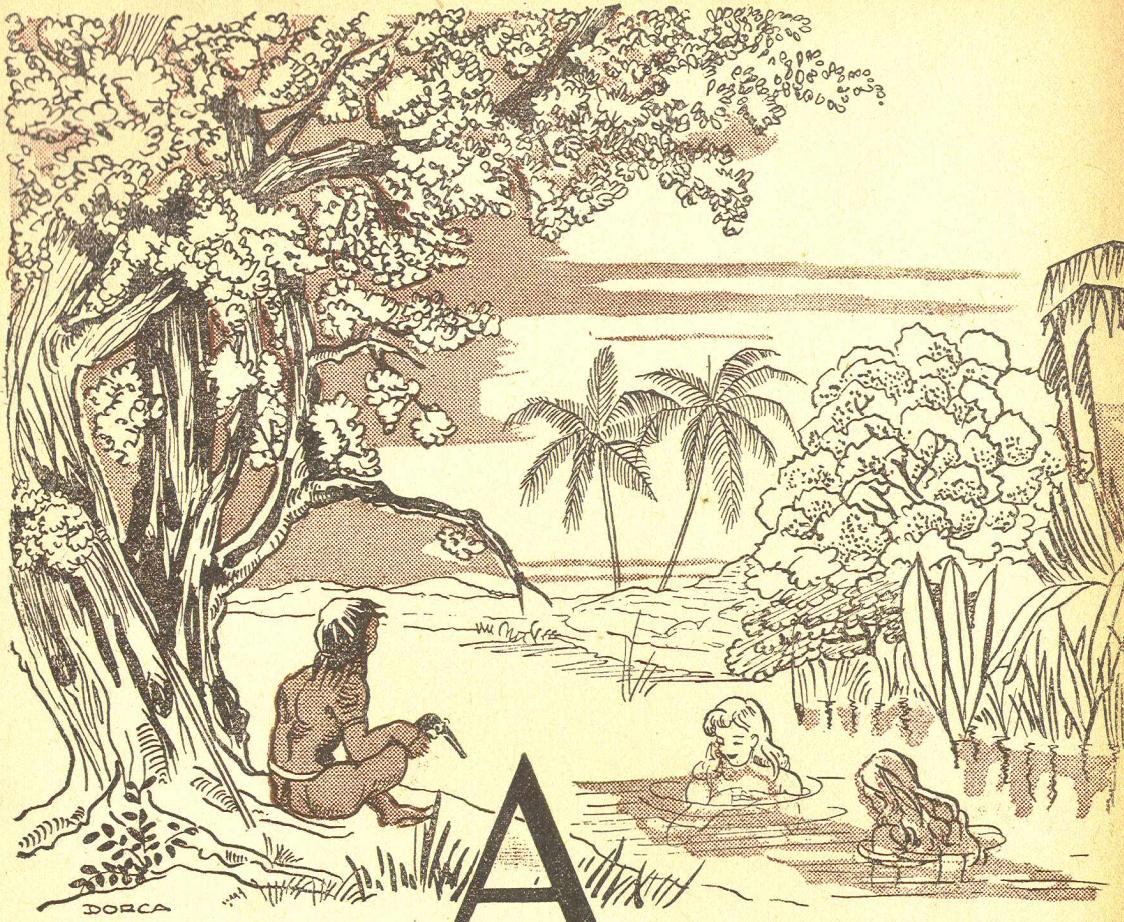
Os selvagens não perdoariam tal ofensa e viriam vingar a afronta.

Neste instante chegou a caravana.

D. Antônio dirigiu-se com D. Álvaro ao escritório, para tratar dos negócios feitos no Rio de Janeiro.

Os aventureiros foram contar as novidades da cidade aos outros.





DORCA

A

TARDE ia morrendo. Era a hora da prece. Todos se ajoelharam, enquanto um dos aventureiros tocava no clarim a Ave-Maria.

A família do fidalgo foi, com D. Álvaro, para o solar e os aventureiros seguiram para seus alojamentos.

D. Álvaro contou a Cecília o encontro com Peri, que brincava com uma onça.

A moça então se lembrou que dissera ao índio que tinha vontade de ver uma onça viva.

Aproveitando um instante em que estavam sós, Álvaro diz a Cecília que lhe trouxe um presente. A moça não o aceita, com grande máqua do rapaz.

Após a ceia trouxeram a Cecília as encostas que fizera a D. Álvaro. Eram rendas, jóias, sedas e um par de pistolas para Peri.

Cecília dirigiu-se para seu quarto e se pôs à janela. De repente, à luz da lua, viu um vulto que entrava na cabana, reconhecendo Peri.

Tranqüilizada e contente a moça adormeceu com lindos sonhos.

O índio tinha suspenso o seu fardo precioso — a onça — numa das palmeiras de sua choça e sentindo saudades de sua senhora,

decidiu-se avê-la, através da vidraça, subindo numa árvore defronte ao quarto.

Loredano terminou a ceia e foi passear no jardim, com uma expressão preocupada.

Nessa noite Álvaro de Sá tinha resolvido fazer a moça aceitar o presente, colocando-o no peitoril de sua janela. Era uma empresa arriscada, pois D. Antônio de Mariz fizera cortar a rocha formando um valado fundo à beira das janelas, dêsse lado da casa.

Era tão profundo o abismo, que lá dentro a escuridão era imensa e servia de habitação a reptis e insetos venenosos. Álvaro colocou uma escada, do jardim sobre o abismo e conseguiu colocar o mimo sobre o peitoril da janela.

Loredano enxergou-o e acompanhou todos os seus gestos. Esperou o moço retirar-se e segurando-se no galho de uma árvore, conseguiu com a ponta da espada fazer o embrulho cair na fenda escura.

Peri tudo presenciou da árvore onde estava. Sua sagacidade fê-lo compreender tudo. Em seguida dirigiu-se para sua cabana.



No dia seguinte Cecília abriu a portinha do jardim, chamando Peri.

O índio logo a atendeu.

Fitou o selvagem com os seus lindos olhos azuis e disse-lhe:

— Estou muito zangada com Peri!

— Tu senhora, zangada com Peri! Por que?

— Peri é mau e ingrato. Em vez de ficar perto de sua senhora, vai caçar onças, com risco de morrer!

— Ceci desejou ver uma onça viva!

— Então não posso gracejar?

Basta que eu deseje uma cousa para que tu corras atrás, como louco?

— Quando Ceci acha bonita uma flor, Peri não vai buscar? perguntou o índio.

— Vai sim. Mas um animal feroz é coisa muito diferente.

Ceci ficou muito aflita com o que fizeste.

— Perdoa, senhora!

Cecilia perdoou o índio e correu ao seu quarto, trazendo-lhe de presente o par de pistolas.

Peri, com grande contentamento, meteu as pistolas na sua cinta de penas, ficando muito orgulhoso com o presente.

Em seguida, Cecília e Isabel se dirigiram ao rio para o banho, acompanhadas pelo índio.

Peri sentou-se numa ponta alta do rochedo, à beira do rio e com o arco na mão vigiava tôda a redondeza.

Cecília vestiu a roupa de banho e atirou-se à água, nadando com prazer e afastando-se da margem.

De repente Peri viu dois índios Aimorés, com os arcos esticados e a flecha pronta para alcançar Cecília.

Peri atirou-se na frente da moça e recebeu uma das flechas no ombro, enquanto a outra caía na água. Ergueu-se apressadamente e sem tirar a flecha do ombro, arrancou da cinta as pistolas e matou os dois selyagens.

Cecília e Isabel que nada tinham visto, assustaram-se vendo uma flecha cair perto delas.

A moça chamou-o. Mas Peri vendo o rosto de uma índia, lançou-se em sua perseguição.

A fraqueza produzida pela ferida não o deixou alcançá-la. Estava quase desfalecendo, quando bateu de encontro a uma árvore que possuia um óleo aromático. Peri sorveu-o e sentiu-se reviver. Em seguida passou o óleo pela ferida, que logo parou de sangrar.

Quando se sentiu com fôrças, continuou sua marcha através da floresta, mas já tinha perdido o rastro da índia.



DORCA

A

ONÇA que Peri pendurara no galho estava prestes a sufocar-se e ao morrer lançou um rugido estridente.

O solar estava com todas as janelas abertas para receber o ar puro da manhã.



De repente ouviu-se um grito no interior da habitação e o barulho de portas e janelas que se fechavam precipitadamente.

Surgiu numa sala D. Lauriana, pálida, a tremer e a gritar:

— Aires Gomes!... O' escudeiro!... Escudeiro!!!...

O magrelo Aires Gomes correu, a tôda pressa, para atender sua ama.

— A onça! A onça!... Gritava ela desgrenhada e nervosa.

O escudeiro deu um salto, pensando que a onça já lhe ia saltar ao cangote e arrancou da espada.

A dama vendo isto, supôs que a onça se atirava à janela e caiu de joelhos a implorar misericórdia a Deus.

Aires Gomes começou a rodar pelo páteo como um corropio, com medo de que a fera o atacasse pelas costas, o que seria uma vergonha para sua valentia.

Depois de muito pular, encostou-se à parede e, menos sobressaltado, perguntou a D. Lauriana, onde se achava a onça.

— Não está aí, Aires Gomes? Mas em el-guma parte há de estar.

— E por que dizeis que aqui há uma onça?

— Pois aquêle bugre endemoinhado se lembrou de trazer ontem uma onça viva para casa!

— E que é feito da fera, Senhora Dona Lauriana?

— Deve estar oculta em algum lugar. Chama mais gente, matem-na e tragam-ma aqui.

Num instante, cerca de vinte aventureiros, armados dos pés à cabeça, tendo Aires Gomes à frente, com uma espada na mão e uma faca na boca, desceram para procurar a “bicha”.

Depois de correr todo o vale voltaram e Aires Gomes deu de repente com a fera. Gritou aos aventureiros que atirassem depressa.

Quando iam puxar o gatilho, viram que a onça, suspensa ao galho, se achava morta.

O escudeiro cortou a corda e arrastando o animal foi apresentá-lo à fidalga.

D. Lauriana, ainda toda arrepiada e com a fisionomia descomposta, só saiu do quarto, quando lhe garantiram que o animal estava bem morto. A dama mandou que o deixassem



ali, para D. Antônio ver até onde chegavam as imprudências e estrepolias do Peri.

Tanto falou e acusou o pobre do índio, que o fidalgo resolveu mandá-lo embora.

Ajudou muito essa resolução a chegada das moças e Isabel contar que, enquanto Cecí se banhava, o índio se tinha atirado a uma árvore e dalí a pouco uma flecha passava rente à moça.

D. Antônio deu ordens para que o escudeiro trouxesse o índio e Aires Gomes partiu em direção à floresta.

Cecília ao retirar-se esbarra-se com D. Álvaro que lhe pede perdão de ter posto o presente na janela.

Mais uma vez, a moça recusa-se a aceitá-lo e vai para o seu quarto.

Isabel que tudo vira, acompanha a prima. As duas moças abriram a janela mas nada encontraram.

Isabel então confessa à prima que gosta de Álvaro, mas este não lhe corresponde.

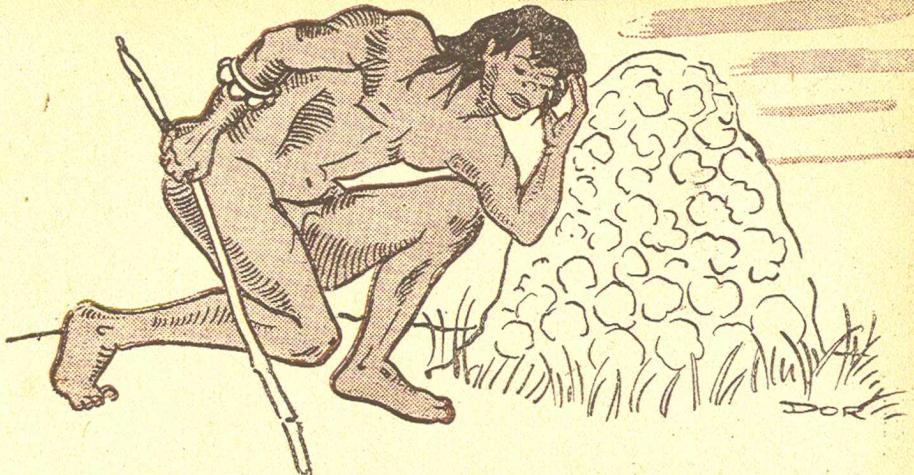
Cecília promete-lhe que o moço ainda há de gostar dela.



D

EPOIS que Peri perdera o rasto da índia, continuou marchando pela floresta e saíu num campo aberto.

Parou um pouco e ouviu um murmúrio de vozes. Colocou o ouvido ao chão e distin-



guiu as vozes de Loredano e mais dois aventureiros.

O índio então descobriu que êles se achavam dentro de uma touça de cardos, cujas folhas cheias de espinhos se entrelaçavam formando uma alta muralha.

Os homens deviam ter entrado ali por um galho de uma árvore seca, que se estendia sobre os cardos e ao qual se enroscavam vários cipós fortes.

Peri colocou novamente o ouvido em terra. Por um formigueiro abandonado que, como um canal subterrâneo, ia ter aonde os três aventureiros conversavam, percebeu o que tramavam.

Os miseráveis, chefiados por Loredano, tramavam uma revolta no solar, para matar D. Antônio.

Loredano cavou o solo e tirou um pergaminho, que estava dentro de um vaso de barro. Era o roteiro de umas minas de prata que existiam no norte.

Ambicionava ele ficar rico com as minas e casar-se com Cecília.

Um dos aventureiros, de nome Bento Simões sonhava ser o dono do solar, enquanto o terceiro, Rui Soleiro, queria matar o escudeiro Aires Gomes.

Peri que tudo ouvira, não se conteve, e lançou através do formigueiro um grito ameaçando-os:

— Traidores!

Os três homens se ergueram amedrontados e lívidos.

Loredano suspendeu-se ao galho da árvore, mas nada viu; tudo estava calmo na floresta.

Separaram-se e ele caminhando pelas selvas pôs-se a pensar no seu passado, que não

era nada correto, mas sim, cheio de maldições e crimes.

Nisto avistou D. Álvaro, que caminhava pensativo entre as árvores.

Loredano aproximou-se para matá-lo e apontou a pistola em direção às costas do moço. Mas não conseguiu. Um sibilo agudo cortou os ares. A bala roçando pela aba do chapéu não fez mal algum a D. Álvaro.

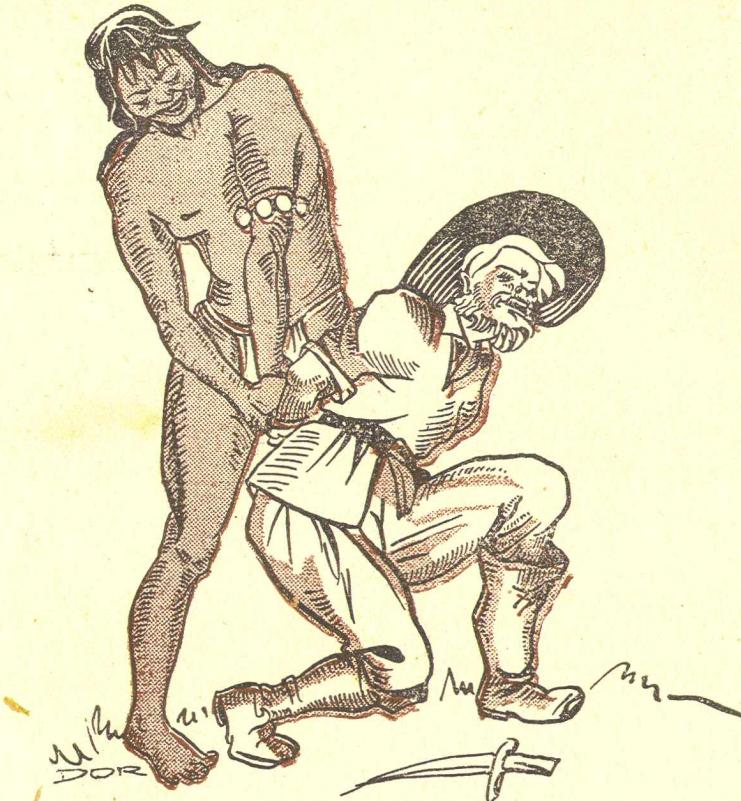
Ao virar-se, o moço teve uma surpresa enorme. Peri, com os seus músculos de aço, segurava com a mão esquerda Loredano pela nuca e com a direita levantava uma longa faca.

D. Álvaro pediu a Peri que o soltasse, pois ele era indigno de morrer nas mãos de um homem. Merecia o pelourinho.

O índio meteu a faca na cinta.

D. Álvaro fez o aventureiro jurar que deixaria para sempre a casa de D. Antônio e partiria no dia seguinte.

Em seguida agradeceu ao índio tê-lo salvo e se separaram.



Quando Peri chegou perto da casa, surgiu a figura magra e esguia de Aires Gomes, coberto de ortigas e ervas de passarinho e deitando os bofes pela boca. Ao dirigir-se ao índio, dá com a cabeça num galho desajeitado; desviou-se com tanta infelicidade que foi de nariz no chão, estendendo-se sobre a relva.

Ergueu-se apressadamente e gritou:

— Olá! mestre Bugre!... Dom Cacique!...  
Caçador de onça viva!... Ouve cá!

Peri continuou seu caminho.

O escudeiro correu para o índio e seguiu-o pelo braço.

— Deixa! disse o índio sem se mover.

— Deixar-te? uma figa! Depois de ter batido esta mataria à tua procura!

D. Lauriana, querendo ver o índio expulso de sua casa, o mais depressa possível, mandou o escudeiro procurá-lo e trazê-lo à presença de D. Antônio.

Aires Gomes corria o mato, havia duas horas; todos os incidentes cômicos imagináveis tinham-lhe acontecido.

Ao passar embaixo de uma árvore, esbarrrou com o chapéu numa casa de maribondos e teve que correr com tôda a pressa de suas pernas finas.

Na ânsia de livrar-se de semelhante tormento foi dar de encontro com uma touceira

de unhas de gato, as quais o fizeram arrengar-se de semelhante terra!

Daí a pouco deu uma cabeçada num galho e meio tonto sentou-se na raiz de uma árvore.

Nem bem acabara de sentar-se, suspirando, uma cousa enrolou-se em sua perna. Era um desses lagartos de cauda comprida, que se enrolara nas suas pernas, dando-lhe uma formidável chicotada.

Aires Gomes assustado e tremendo berrou, como um danado.

Depois de correr a floresta sentiu-se fatigado e sentou-se nuns matinhos, que depois descobriu ser uns pés de ortiga, que o fizeram maldizer a selvageria de semelhante terra!

Apesar de toda essa atribulação, o digno escudeiro por nada largava o índio.

Mas o goitacaz não estava de acôrdo e negava-se a acompanhá-lo.

Peri desprendeu-se da mão que o segurava e continuou seu caminho. Aires Gomes acompanhou-o.

— Que vais fazer? perguntou o índio.

- Levar-te para casa. São ordens.
- Quem te deu a ordem?
- Dona Lauriana.
- Peri vai só; respondeu-lhe o índio.  
Como o escudeiro continuasse a acompanhá-lo, o índio tirou a faca.

— Como?... como é lá isso? gritou Aires Gomes.

O índio cortou um longo cipó e voltou-se para o escudeiro, sorrindo.

Aires Gomes arrancou da espada e disse-lhe:

— Mestre Cacique, deixa-te de partes, se não espeto-te na durindana!

Peri começou a voltear em torno do escudeiro. Pilhou-o pelas costas e amarrou-o, com o cipó, num tronco de árvore. Aires berava e praguejava desesperado.

Deixando o escudeiro naquela triste situação, aproximou-se da casa e viu Cecília, na janela de seu quarto, muito triste a olhar para o fosso escuro.

Peri adivinhou o pensamento de sua senhora.

Cortou dois galhos de uma árvore chamada candeia e flexionando um no outro, tirou fogo. Começou então a descer pelo precipício, com aquêle facho aceso.

— Que vais fazer? perguntou Cecilia assustada.

— Buscar o que é teu.

O índio começou a descer e chegou ao fundo, onde moravam aranhas, cobras, escorpiões e lagartos.

Passaram-se minutos e Peri voltou apresentando à sua senhora o embrulho, que estava lá no fundo.

Cecilia ainda estava tremendo por ver a façanha de seu amigo.

A moça abriu o embrulho e encontrou um estojo com um bracelete de pérolas.

Dirigiu-se ao quarto de sua prima e ofereceu-lhe a jóia.

Cecilia, não sem escrúpulo, enganou-a que seu pai mandara buscar dois; um para si e outro para a prima.

Isabel aceitou o presente e a moça fidalga deixou-a, atirando-lhe um beijo.



D

ANTÔNIO subia a esplanada muito preocupado. Ao ver seu filho e Álvaro que passeavam, chamou-os, levando-os para a sala de armas.

Ali, o velho fidalgo fêz o seu testamento verbalmente, confiando a nobreza de seu no-



me ao filho e a felicidade de Cecília a Álvaro. Os dois moços juram cumprir a vontade do velho.

D. Antônio mandou D. Diogo chamar D. Lauriana e Cecília e reuniram-se todos no escritório.

Peri apareceu na porta da sala, perguntando o que queria com ele.

O fidalgo pede-lhe que volte para a sua tribo.

Peri não se conforma e quer saber por que o mandaram embora.

D. Antônio diz-lhe que ele precisa ser cristão para viver no meio dêles.

O índio não quer e responde que só obedece à sua senhora.

Cecília instigada por sua mãe pede a Peri que parta.

O índio faz um movimento e D. Antônio vê o ferimento do seu ombro indagando o que foi.

Narra então aquéle o que se passou pela manhã, enquanto a moça foi ao banho e diz que logo os Aimorés o atacarão.

Diante de tamanha dedicação, a moça implora a Peri que fique e D. Antônio aperta-lhe a mão.

Nesse momento chega o escudeiro que conseguira livrar-se dos cipós e fica atônito ante a cena que se lhe depara.

Na manhã seguinte Cecília convida seu pai, Isabel e Álvaro para passearem.

Em dado momento, a moça fidalga afasta-se com seu pai e deixa a prima sózinha com o moço.

Álvaro fica espantado ao ver a jóia com Isabel e pergunta-lhe quem a deu.

A moça conta-lhe tudo e vai correndo para casa. O jovem fidalgo continua seu passeio triste e pensativo.

Ao ouvir um ruido, volta-se e vê três vultos que passam pela ramaria. Estava a olhá-los, quando surge Peri e diz ao moço que aqueles são os inimigos e conta-lhe a trama dos revoltosos. Mas não quis dizer-lhes os nomes.

Em seguida o índio vai à procura de sua senhora e pede-lhe que escreva num papel o que ele vai dizer.

Cecília corre em busca de papel e tinta e o índio diz os seguintes nomes: Loredano, Rui Soeiro e Bento Simões.

Ao acabar de escrever, saiu com Peri e encontrou seu irmão que vinha despedir-se dela.

O moço ia com quatro aventureiros para o Rio de Janeiro pedir auxílio aos fidalgos portugueses para socorrer a família do perigo dos Aimorés.

Cecília fica inconsolável com a partida do irmão. Fica sózinha e pensativa no jardim. D. Álvaro vendo-a, dirigi-se a ela e a moça entrega-lhe o bilhete de Peri.

O moço então ficou sabendo o nome dos conspiradores.

Prevendo um ataque dos Aimorés, D. Antônio pôs todos os aventureiros trabalhando e ele mesmo dirigia o serviço para a defesa de sua casa.





DORON

**L**OREDANO, querendo levar avante a revolta, consegue a adesão de uns vinte aventureiros. Recomenda-lhes que cada um dos revoltosos se deite à noite, ao lado de um companheiro, fiel a D. Antônio.

Bento Simões colocará um monte de paliha em cada porta para, na hora aprazada, lançar fogo. Rui Soeiro pedira a Aires Gomes para ficar como sentinelas.

Ao anoitecer, Bento Simões vê o escudeiro no seu quarto, bebendo vinho, com um seu amigo chamado Nunes.

O revoltoso imediatamente os tranca por fora, com cautela, de modo que os dois não perceberam.

Estava tudo preparado e Loredano ordena que esperem seu sinal, pois vai primeiro buscar Cecília, para depois assassinar a família.

Para conseguir o seu fim, mandou que Rui Soeiro colocasse uma tábua, que atravessando o precipício, se apoiasse na janela do quarto da moça.

Em seguida fêz um laço de cipó e com o seu auxílio atravessou o abismo, chegando à janela. Pulou no quarto e foi abrir a porta, por onde contava passar, com a moça adormecida.

Cecília sonhava e, sorrindo, pronunciava o nome de Peri.

Uma rolinha que dormia sobre a cômoda, no seu ninho de algodão agitou as asas, assustando o temerário indivíduo.

Loredano se inclinou sobre a cama para tocar em Cecília, quando sua mão estacou e, impelida, foi bater de encontro à parede, presa por uma seta.

O aventureiro amedrontado, arrancou a flecha e, com a mão ensanguentada, dirigiu-se para a porta, indo ter ao jardim.

Fora Peri que, enxergando o aventureiro no quarto de sua senhora, atirou-lhe a seta. Em seguida, com grande agilidade pulou de um galho de árvore, transpondo a janela e percebeu que Cecí não acordara.

Saiu pela porta e viu que cada homem, que estava dormindo, tinha a seu lado um outro acordado, com punhal na mão, só esperando as ordens de Loredano.

Depois viu os montes de palha em frente às portas.

O índio dirigiu-se às talhas e vasos de água potável, que estavam no alpendre e fu-

rou-os, deixando vasar todo o líquido. Ao virar depara com Bento Simões. Peri apertou-lhe o pescoço, estrangulando-o.

Correu ao jardim para ver quem era um vulto que estava lá, e entre as trevas percebeu Rui Soeiro. Atravessou-lhe o coração com a faca e foi depressa prevenir D. Antônio da revolta.

Loredano vendo que seus planos tinham sido destruídos pelo índio, ficou indignado.

Ao deparar com o cadáver de Bento Simões com os olhos saltados da órbita; seu ódio aumenta e incita os companheiros a assaltar o solar. Estes fizeram um barulho enorme tão zangados estavam.

Nisto aparece D. Antônio, que prevenido pelo índio e assustado com a barulhada se dirigiu aos revoltosos.

Os aventureiros espantados ficaram em silêncio. Loredano adiantou-se para agredir o fidalgo, mas recebeu formidável murro, que o prostrou sem sentidos, no chão.

Os outros companheiros aturdidos e acovardados embainharam as espadas.

Ao amanhecer quatro dos revoltosos vieram pedir perdão ao fidalgo, que o concedeu.

Peri ia saindo para a floresta, quando se lembrou que deixara o corpo de Rui Soeiro no jardim. Com medo de que sua senhora se assustasse, tomou-o nos braços e atirou-o no meio do páteo onde ainda estavam os revoltosos.

Loredano que já tinha voltado a si, indignado com a morte de mais um revoltoso, tanto incitou os outros que se dirigiram para dar um assalto terrível ao “castelo”.

Ouviram nesse instante um barulho enorme e um dos revoltosos caiu atravessado por uma flecha.

Viram então uma quantidade grande de índios, com cocares de penas amarelas, soltando gritos medonhos.

Eram os Aimorés!

O plano de Loredano mais uma vez falhara.

Os selvagens cercaram o solar e era angustiosa a situação dos defensores.

D. Antônio infatigável vigiava atento; sua mulher passava o tempo, rezando diante das imagens.

Cecília recostada num sofá, parecia desfalecida, tão abatida estava.

Peri, sentado no chão ao seu lado, não tirava os olhos de sua senhora, guardando-a sem cessar.

Já fazia dois dias e a situação, cada vez, piorava mais.

O índio estava desesperado, desejando ardente mente salvar sua senhora. De repente levantou-se, dirigindo-se para a porta.

A moça chamou-o.

— Peri quer salvar-te, senhora; disse o índio.

— Não poderás nunca vencer os inimigos. Eles são tantos!...

— Sejam mil. Peri vencerá a todos.

O índio desobedeceu a sua senhora, precipitando-se pela janela e desapareceu no jardim.

Lá fora, o Cacique dos Aimorés, dava ordens e os selvagens preparavam flechas inflamáveis para incendiar o solar.

Peri, com um montante grande do fidalgo, subiu a uma árvore. Daí, pulou, caindo no meio dos inimigos.

Encostou-se a uma lasca de pedra e ro-dava o pesado montante, matando quem se lhe aproximasse.

Houve uma grande confusão e a quantidade de mortos fizera uma barreira entre êle e os inimigos.

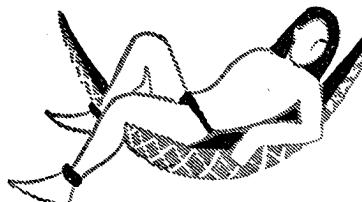
Fatigado, Peri abaixou o braço.

O velho Cacique dos Aimorés avançou para êle com a clava levantada para lhe vibrar um golpe mortal.

Os olhos de Peri brilharam e o montante lampejou no ar, decepando o punho do selvagem. Os guerreiros avançaram e o índio goitacaz ajoelhou-se, entregando-se aos inimigos.

Foi então preso, amarrado a uma árvore e uma linda índia guardava o prisioneiro, oferecendo-lhe alimentos que eram recusados.

De onde estava, êle contemplava a janela do quarto de sua senhora, banhada pelo luar.





**L**OREDANO, vendo que seus planos falharam, pôs-se com alguns companheiros a furar uma parede para matar a família do fidalgo.

Muitos revoltosos já estavam arrependidos do passo que tinham dado.

Lá dentro do solar Cecília chorava, não se conformando com a prisão de Peri.

D. Álvaro compadeceu-se da moça e chamando todos os aventureiros fiéis a D. Antônio, rumou ao campo dos Aimorés para salvar o goitacaz.

Os selvagens dansavam em redor do prisioneiro, amarrado a uma árvore.

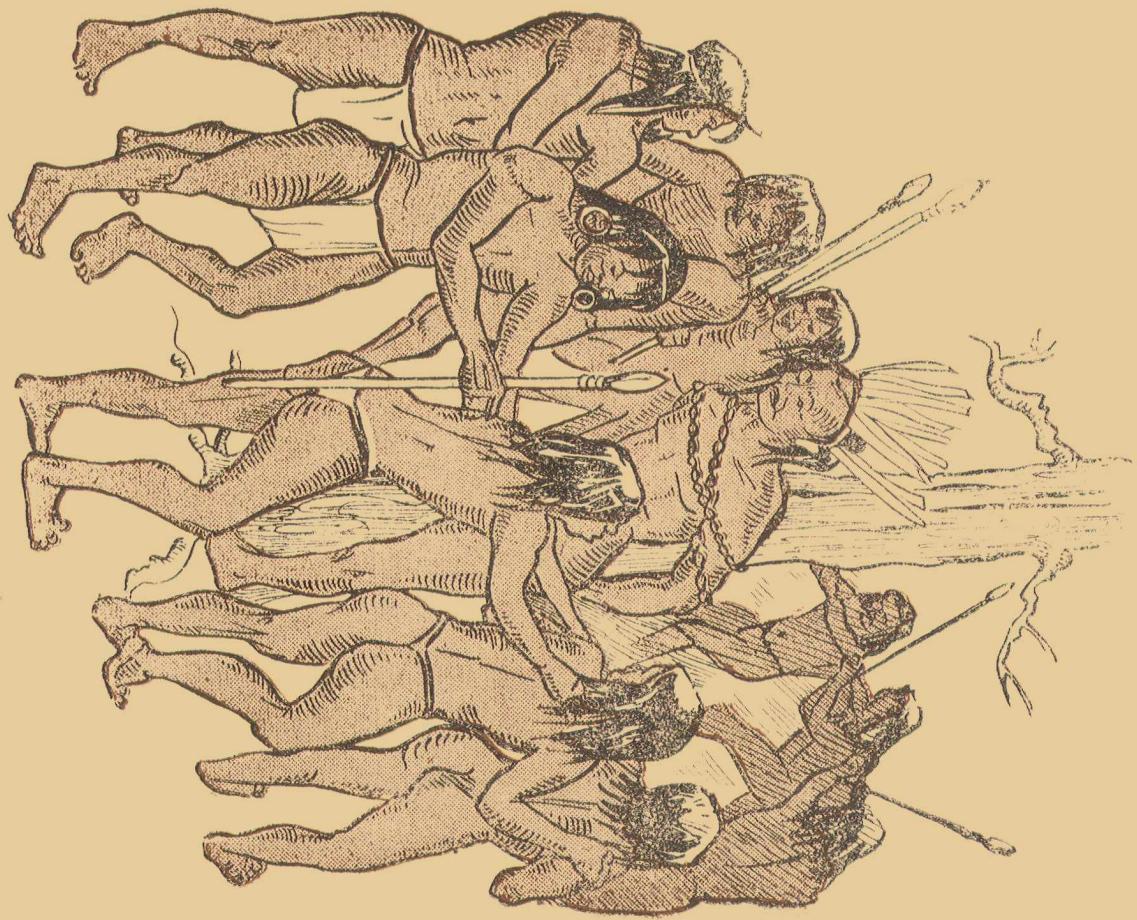
Terminadas as dansas, Peri foi desamarrado para morrer.

Aproveitando esse momento, ele tomou um terrível veneno extraído de um coquinho, que havia muito tempo, sua mãe lhe tinha dado.

Ele sabia que depois de morto, os Aimorés comeriam sua carne e beberiam o caldo em que ela fosse cozida.

Assim todos teriam que morrer envenenados também.

Outro Cacique levantou a tangapema para matar o prisioneiro. Não chegou a abaixar a arma, pois ouviu-se um estrondo e o Murubixaba dos Aimorés tombou morto. O estampi-



do que se ouviu foi causado por um tiro do arcabuz de D. Álvaro.

Enquanto os selvagens estavam estarrecidos de susto, D. Álvaro com a espada na mão precipitou-se pelo campo dos Aimorés. Immediatamente ouviram-se outras descargas de arcabuzes. Enquanto uns atiravam, outros com a espada acompanhavam o jovem fidalgo.

O moço conseguiu com grande custo, fazer Peri sair dali e acompanhá-lo, dizendo-lhe que sua senhora chorava sem cessar, de medo de perdê-lo.

Por fim o índio atendeu-o e, sempre atirando, voltaram ao castelo.

Peri caíu de joelhos ao pé de Ceci, pedindo-lhe perdão.

D. Antônio obrigou o índio a contar-lhe seu plano, censurando-o pela sua imprudência.

O índio conta então que tomou o veneno para que os que comessem a sua carne, pencessem.

— Peri, disse a menina com desespôro, porque fizeste isto?

— Para te salvar, senhora.

Daí a pouco o índio começou a ter contrações violentas; os lábios iam ficando roxos e os dentes entrechocando-se.

Cecília estava desesperada e começou a chorar.

O goitacaz olhou para a moça e disse-lhe:

— Não chores, senhora. Peri viverá!

O índio fez um esforço supremo e reunindo suas últimas forças, dirigiu-se para a porta e ganhando o jardim desapareceu.

A família estava triste e impressionada por causa de Peri.

Álvaro de pé, na porta do escritório, ouviu um ruído, levantou a vista para cima e em seguida fêz um gesto ao fidalgo.

Este olhou na direção indicada e viu a rede do fundo oscilando e o oratório prestes a tombar.

Reuniu imediatamente a família no escritório.

Ao tombar o oratório, surgiram alguns revoltosos, tendo à frente Loredano.

Recuaram porem horrorizados... No meio do aposento estava uma barrica de pólvora. Saía dela um estopim, que ia ao fundo do paoil subterrâneo, onde estavam as munições de guerra do fidalgo.

Os aventureiros arrependidos se ajoelharam, pedindo perdão a D. Antônio, que lhes perdoou.

Mas Loredano continuou em pé e não se deu por vencido.

Seus companheiros indignados contra quem os fizera proceder tão mal, arrastaram-no para fora, conduzindo-o a uma fogueira para morrer em aflita e lenta agonia.

Como os víveres estavam escasseando, o fidalgo pediu a D. Álvaro que partisse com alguns aventureiros, à procura de alimentos.

Entretanto, Peri na floresta, lutava para viver. Finalmente achou a erva contra aquêle veneno, a qual lhe restituiu a fôrça e a vida.

Depois de tomá-la, atirou-se às águas do Paquequer e, quando terminou o banho, sentiu-se novamente cheio de vigor. Estava sal-

vo. Corria já para casa, quando ouviu vários disparos.

O índio viu então D. Álvaro e seus companheiros atacados pelos Aimorés. Uma seta partiu e atingiu o moço fidalgo.

Peri saltou no meio dêles, fibrou o seu tacepe de todos os lados e carregando D. Álvaro nas costas, chegou ao solar.

Tôda a família consternada chorou a perda de tão dedicado amigo.

Isabel ficou muda e desesperada e pediu ao índio que colocasse o cadáver em seu quarto.

Peri atendeu-a imediatamente.

A moça fechou tôdas as janelas e portas e começou a queimar resinas venenosas para morrer e unir-se no céu com o moço, com quem desejava tanto casar-se.

Coitada! que ignorância!

Cecília não teria feito isto!...

Muitas vezes um amor desajuizado nos leva a tristes consequências e a crimes desta natureza. Quem assim procede é porque não ama.

Depois de muitas horas, Ceci deu por falta de sua prima e pediu ao índio para arrumar a porta.

Descobriu então os dois corpos mortos.

A tristeza, os índios e a noite faziam a situação angustiante.

D. Antônio fêz a filha beber então um licor com um forte narcótico. Assim para ela não se prolongaria aquela noite!

A moça tomou a bebida e em breve adormeceu profundamente.

Os aventureiros agrupados na porta estavam mudos e resignados diante da morte certa, inevitável com que os ameaçavam os Aimorés.

No terreiro o fogo queimava o corpo de Loredano que se arrependia, bastante tarde, da multidão de crimes que praticara.

Peri propôs ao fidalgo levá-lo, com Cecí, à tribo de sua raça, onde cem guerreiros os acompanhariam até ao Rio de Janeiro. Contou também que tinha uma canoa oculta à beira do Paquequer, num lugar retirado.

D. Antônio negou-se a acompanhá-lo, dizendo que seu dever era morrer junto com os seus. Mas aceitou que salvasse sua filha, com a condição de batizar-se o índio, fazendo-se cristão.

O índio aceitou e o fidalgo batizou-o, dando-lhe o seu nome: Antônio.

Em seguida fêz Peri jurar que respeitaria e defenderia Cecí, levando-a à sua irmã no Rio de Janeiro.

Peri jurou e D. Antônio e D. Lauriana beijam, entre lágrimas, a moça adormecida.

O índio tomou Cecí nos braços, transpôs a janela do quarto, passando ao tronco de uma palmeira que os Aimorés tinham derrubado e que formava uma ponte sobre o precipício.

Os selvagens inimigos já tinham escalado os rochedos e com seus tacapes abalavam as portas e paredes do edifício.

O goitacaz fêz uma volta para não se aproximar do campo dos Aimorés e dirigiu-se para a margem do rio.

Ali estava escondida a pequena canôa em que, outrora, os habitantes do “castelo” passeavam.

Chegando à beira do rio, Peri deitou sua senhora no fundo da canôa, cobrindo-a com u'a manta de seda, que D. Lauriana lhe havia dado. Remou vigorosamente, afastando-se do lugar da luta e desceu o rio.

De longe, Peri viu a casa incendiada pelas flechas dos selvagens e a figura medonha de Loredano no meio da fogueira do páteo.

A parede da sala tombou com o fogo e de longe desenhou-se aos olhos do índio a figura de D. Antônio, erguendo na mão esquerda o crucifixo e com a direita apontando a pistola para a barrica de polvora. Sua mulher e os aventureiros ajoelhados rezavam ao seu lado.

Um estampido horrivel reboou por tôda aquela solidão. O estopim que partia da barrica levou o fogo até ao paiol subterrâneo e tudo voou pelos ares, matando também todos os Aimorés.

O índio soluçou de tristeza e foi remando pela noite afora, até amanhecer.

Num sítio maravilhoso aproou a canoa e, tomando Ceci nos braços, deitou-a na relva.

Ao despertar, a moça ficou sabendo a triste sorte dos seus.

Seu desespêro foi grande e ficou prostrada, chorando por muito tempo.

Afinal foram rezar juntos e depois o índio bateu a floresta, trazendo alimentos para a moça.

\*\*\*

Foram dias e dias que se passaram numa viagem, que parecia não ter fim.

Cecília, durante o trajeto, concluiu que não lhe valia de nada morar na cidade, com gente que ela não queria bem. E resolveu habitar na selva com Peri, que muito a amava.

Disse isto ao índio e êste exultou de felicidade, mas jurou de novo, em sua alma, que cumpriria a promessa feita a D. Antônio.

Anoiteceu e o horizonte se cobriu de nuvens espessas. As águas do rio Paraíba onde já estavam, pois nêle entra o Paquequer, foram-se increspando e subindo. Era uma en-

chente colossal, que começava e cada vez subia mais.

Peri tomou Cecí nos braços e, agarrando-se aos cipós subiu à copa de uma enorme palmeira.

Mas a enchente crescia e as águas ameaçavam cobrir os leques da palmeira.

O índio desesperado suspendeu-se por uns cipós e com um esforço supremo, cingiu o tronco da palmeira, abalando-a até às raízes. Depois de empregar toda a sua força hercúlea, conseguiu arrancá-la do solo, pois a terra que cercava as raízes já estava minada pelas águas.

Peri sentou-se junto da sua senhora e a cúpola da palmeira ficou flutuando sobre as águas...

Foi arrastada pela corrente impetuosa e fugiu, sumindo-se no horizonte.



